

# SANKOFEAR PARA CONTINUAR: memória ancestral negra e indígena presente no Povoado Terreirão, Muniz Ferreira - Ba

Eva Dayane Jesus dos Santos<sup>1</sup> 

**RESUMO:** O presente texto buscou, através do movimento Sankofa e da metodologia Escrevivências, apresentar fragmentos de minha memória refletidos acerca das tradições e contribuições deixadas em continuidade pelos povos Tupinambá, Kariri e Bantus no território do Recôncavo da Bahia, sobretudo no Povoado do Terreirão em Muniz Ferreira, BA. Como técnicas metodológicas, utilizo a observação participante e a fotografia para registro das imagens. Considero que o movimento Sankofa e as Escrevivências são metodologias aplicáveis que possibilitam aos afrodescendentes o movimento de autoconhecimento, de construção de identidade e de cura.

**Palavras-chave:** Sankofa. Ancestralidade. Escrevivência. Memória. Povoado Terreirão

1 - Bibliotecária no Centro de Ciências da Saúde, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: [eva@ufrb.edu.br](mailto:eva@ufrb.edu.br).

## Sankofear to continue: black and indigenous ancestral memory present in Povoado Terreirão, Muniz Ferreira - Ba

### ABSTRACT

The present text sought through the Sankofa movement and the writing methodology to present fragments of my memory reflected on the traditions and contributions left in continuity by the Tupinambá, Kariri and Bantus peoples in the territory of the Recôncavo of Bahia, especially in the Povoado do Terreirão in Muniz Ferreira, Bahia. As methodological techniques I use participant observation and photography to record the images. I consider that the Sankofa movement and the writings are applicable methodologies that can enable Afro-descendants to move towards self-knowledge, identity construction and healing.

### Keywords

Sankofa. Ancestry. Escrevivência. Memory. Povoado Terreirão

## Introdução

O presente texto é resultado do movimento de voltar ao passado para trazer, por minhas próprias mãos, fragmentos de histórias e de inscrições a respeito das informações responsáveis por forjar-me como pessoa. Saliento a necessidade de disseminar esse ensinamento ancestral a todas as pessoas que, de alguma forma, buscam respostas às lacunas deixadas pelas marcas do racismo epistêmico, estrutural, institucional, ambiental, entre outros. Contar a experiência negra por nós mesmas é uma narrativa que se faz necessária e potente para o processo de cura coletiva das dores e dos traumas causados pelo racismo presente por todo território brasileiro.

O termo *Sankofa* significa que “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p. 40); logo, meu retorno ao passado se inicia com a vida! Ao descobrir que eu gerava uma nova vida, questionei-me sobre o que eu deixaria como legado para meu filho. Nesse movimento tão profundo e íntimo, dei-me conta de que eu não conhecia minha própria história familiar.

Eu não sabia nada além de minha mãe ou de meu pai. Além disso, no ano em que eu estava prestes a parir, meu Tio Toim resolveu pegar pelas próprias mãos o prumo de sua vida, deixando como marca material a casa de farinha no Povoado Terreirão. Ele investiu todo o recurso financeiro que possuía, bem como seu conhecimento e sua rede de apoio, no sonho de montar sua própria casa de farinha.

O movimento da gestação e o movimento de Tio Toim me fizeram despertar de um sono profundo sobre fabulações de histórias que não eram minhas. As fabulações que Milton Santos (2015) outrora tentou nos alertar. Meu movimento estava no sentido contrário; ao invés de olhar para o passado, eu insistia em olhar para o futuro.

Ao voltar e olhar para minha história familiar, ao ouvir os meus mais velhos contarem suas lembranças, suas histórias, suas verdades, e, também, ao ampliar minhas leituras sobre culturas africanas e indígenas, escritas por mulheres e homens africanas/os, afrodescendentes e indígenas, pude acessar e entender as lacunas abertas em minha própria vida, as tormentas que até então eu não compreendia.

## Escrevivências como metodologia

A metodologia escolhida para esta comunicação é a da Escrevivências da *griot* Conceição Evaristo (2020) e o movimento *Sankofa*. Evaristo faz o movimento *Sankofa* a todo tempo em seus escritos literários, quando conta as histórias vividas e compartilhadas por outras mulheres negras, nas quais a autora conta que, por muitas vezes, colocou-se à escuta sensível. É por meio dessas vivências que a escritora devolve para o público leitor o escrever-vivências.

Entendo que a Escrivivência é o método reflexivo que busca compreender, através de nossas próprias experiências de vidas, os atravessamentos por dores, alegrias e desafios da sobrevivência; mas, sobretudo, é também uma luta política, uma forma de resistência, de denúncia e de reivindicação por direitos, inclusive, da escrita. A escrita torna-se, então, um instrumento de luta e resistência das escrituras negras.

As pessoas negras, que, até então, eram objetos de estudos de outras pessoas – sobretudo pessoas brancas, que julgavam compreender mais de nós do que nós – agora se utilizam das suas próprias experiências para refletir sobre a história e as ciências. A Escrivivência possibilita um mergulho em nossa experiência cotidiana, uma observação aprofundada na tradição ancestral que vem sendo transmitida e transformada milenarmente,

Retomando a reflexão sobre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2020, p. 7).

Além das Escrivivências, utilizo neste texto as técnicas da observação direta e participante (são técnicas do Estudo de Caso organizadas por Yin (2015), como fontes de evidência), as conversas informais (que fazem parte da técnica da observação participante, pois a sujeita pesquisadora interage com a comunidade) e a fotografia. Parte das fotografias utilizadas neste trabalho faz parte do meu acervo pessoal, no qual registrei as descobertas sobre assuntos que circunscrevem a vida cotidiana do Povoado Terreirão<sup>ii</sup>, lugar de minha memória afetiva e onde se faz a história dos povos dos quais descendo: Tupinambá, Kariri e Bantus.

Sim, busco, nas tradições familiar e comunitária, as lembranças, as histórias dos antepassados, de nossa origem. Tenho ciência sobre o silêncio de alguns momentos quase esvaziados de sentido, e que por pouco não foram totalmente esquecidos. Mas o movimento *Sankofa* nos possibilita retomar para o lugar de reflexão e de compreensão das memórias que possibilitam recontar histórias, ou seja, nossa própria história. Escrivivências é contar experiências sobre nós (nós coletivo, não eu individual), e, de certa forma, ouvir a nós mesmas num movimento de aprendizado e de cura.

## Sankofear é preciso!

O que podemos aprender com o movimento *Sankofa*? Eu, enquanto mulher negra, oriunda dos povos Bantus, com ascendência indígena dos povos Tupinambá e Kariri, me vejo na encruzilhada dos saberes, através da tomada de consciência sobre minha própria história. Isso só é

i - Hambaté Bâ (2010) explica que os griots são pessoas tradicionalistas que detêm um vasto conhecimento sobre todas as coisas na África (são cantores, preservadores, transmissores da música antiga, compositores, historiadores, poetas, contadores de histórias). Aqui no Brasil, podemos nomeá-los como os mais Velhos, os mestres de artifícios, as Yás e Bábás (Mães e Pais de Santo) em religiões de matriz africana, os Pajés e Caciques nas aldeias. Os griots são os conhecedores, eles ensinam, educam, transmitem e preservam o conhecimento.

possível pelo movimento *Sankofa*. Quando volto para as bibliotecas vivas do meu lugar, seja ela a família ou a comunidade, eu consigo, de pouco em pouco, ter acesso e construir minha própria identidade a partir do que nos foi transmitido, por meio da oralidade, dos gestos, das ações ou pela própria dinâmica social local: as *oralituras* (MARTINS; 2003; 2007).

Ao fazer o movimento *Sankofa*, pude perceber que a ascendência dos povos indígenas se faz ainda presente em formas e em saberes. Os povos indígenas do Recôncavo<sup>iii</sup>, sobretudo os Tupinambá, povo do trovão (JECUPÉ, 2020; SILVA, 2021) e os Kariri, por conta do racismo sistemático, foram progressivamente intitulados como “não indígenas”; no entanto, a sua cultura é notável em muitos aspectos e em muitas características que se fazem ainda presentes no território do Recôncavo da Bahia.

iii - Refiro-me ao território de Muniz Ferreira, Bahia. Os povos Tupinambá desse território não foram extintos, nós existimos! O que aconteceu foi ocultação da identidade para garantir a sobrevivência, no entanto, a cultura continua nos mínimos fazeres do cotidiano em confluência com a ancestralidade Bantu.

iv - Ver o trabalho de: ROCHA, Roberta Cristina Santos Leite. “Fala em maneira de cura, quem fala confirma o poder da palavra”: rezadeiras, religiosidade e práticas de cura em Muniz Ferreira - Bahia (1990-2020). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Universidade do Estado, Santo Antônio de Jesus, 2022.

v - Para outras informações a respeito, vale conferir os trabalhos de: SANTOS, Eriza Galvão dos. O Diretor de índios: análise preliminar dos diretores parciais das aldeias indígenas. Bahia, 1845-1889. 1988. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988; e o de REGO, André de Almeida. Trajetórias de vidas rotas: terra, trabalho e identidade indígena na província da Bahia (1822-1862). 2014. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23400>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Alguns estudos a respeito dos povos indígenas no território do Recôncavo<sup>iv</sup> e também relatos orais de parentes mais velhos dão indícios a respeito da vida desses povos na região. Todavia, foram utilizadas pelos colonizadores inúmeras estratégias para descaracterizar e ocultar a identidade indígena, tais como: oferta de emprego público, catequese, miscigenação (pela violência sexual; os relatos de minha tia avó trazem as lembranças traumáticas de minha hexavó Tupinambá, que foi retirada da mata a “dente de cachorro”, mas ela resistia e sempre voltava) e a venda do território indígena, antes tutelada pelo Estado<sup>v</sup> – até meados do século XIX, quando extinguiram os aldeamentos e estabeleceram a Lei das Terras de 1850, o que facilitou a invasão no território indígena no Recôncavo. Outras estratégias continuam em vigência em outros territórios indígenas na Bahia e no Brasil na contemporaneidade, tais como: cooptação e criminalização de lideranças indígenas, conflitos, emboscadas e chacinas, conforme informa Silva (2019).

Entretanto, conta-nos Jecupé (2020) que os povos Tupinambá são povos do trovão. Dentro do Povoado Terreirão e dos ensinamentos de minha mãe, ouvi inúmeros aconselhamentos sobre o trovão (de que tinha que se ter respeito; de que não se podia fazer

determinadas coisas, tais como: falar alto, assistir televisão, estar exposto ao espelho etc.). Há também o

canto dos encantados da finada Dona Antônia, matriarca da família de Dona Zefa, sobre o fogo que cai no mar: “Quem de tudo se admira, corre o mundo quer de vê / Fogo no mar / Terror / Fogo no mar / Terror.”. O canto, dentre outros elementos, são indícios dos saberes ancestrais em continuidade. O que é fogo no mar? Será o trovão?

Glicéria Tupinambá ou Célia Tupinambá (SILVA, 2021), conta-nos sobre “Tupã, encantados e antepassados”. Ela diz que os Tupinambás são filhos da árvore. A autora relata que, na criação da humanidade, só existia o Velho com seu cajado. Ele criou a primeira humanidade a partir de cinco árvores (Muçutaíba, da cor vermelha; Braúna, da cor preta; Biriba, da cor amarela; Jenipapo, da cor branca, e Ipê, da cor roxa). As árvores doaram ao Velho um galho e ele criou a humanidade. Contudo, essa primeira humanidade desapontou o Velho e ele a destruiu, restando apenas o Pajé do Mel. Este, por sua vez, perguntou ao Velho por que ele tinha destruído a humanidade e o Velho, coletando novamente os galhos das árvores, deu ao Pajé do Mel o poder de recriá-la. Mas, para a existência da vida, foi necessário o sopro do Velho e este é eterno.

[...] o sopro veio do Velho, que é eterno e não pode ser destruído, então existe até hoje sobre a terra, e a eles damos o nome de Encantados: uns são de luz e outros da escuridão. Daí surge Tupã para guiar, ouvir e ajudar a humanidade, e o lugar dos nossos antepassados e os reinos dos Encantados é o lugar onde ficou protegido o Pajé do Mel. (SILVA, 2021, p. 328).

Assim, notamos as semelhanças sobre as evidências da cultura Tupinambá da Serra do Padeiro<sup>vi</sup> e dos territórios do Recôncavo da Bahia, que trazem em suas narrativas e *oralituras* a memória ancestral sobre Tupã, sobre o trovão, sobre nós e nossa existência e continuidade.

A respeito da cultura negra, podemos notar, em Hambaté Bâ (2010), o quanto faz parte do legado da experiência negra a tradição oral, a cosmovisão, a iniciação, a circularidade, o espaço-tempo. Logo, desde minha infância, notei que o Povoado Terreirão possui características e conhecimentos que evidenciam as tradições das culturas indígena e africana, fazendo-se diferente de outros lugares por onde passei/morei (Canabrava, Salvador, Lagoa dos Patos, Lauro de Freitas).

Como exemplo dessas observações coletadas na memória infantil, destaco as carnes moqueadas<sup>vii</sup>, a fufuca de pilão (castanha de caju

vi - Território Indígena do Povo Tupinambá de Olivença da aldeia Serra do Padeiro, localizado no sul da Bahia. A Serra do Padeiro é a morada dos encantados. (SILVA, 2019).

vii - A tradição de moquear carne é uma prática de diversos povos indígenas no Brasil. Como exemplo dessa prática, destacamos o ensaio fotográfico de OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Wyrâu’Haw: a festa da menina-moça do povo indígena Tenetehara/Guajajara. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewFile/6591/5865>. Acesso em: 22 ago. 2022. No Povoado Terreirão, a prática de moquear a carne aparentemente não está associada a algum ritual, no entanto, recordo-me de que, quando menstruei pela primeira vez, minha mãe e minhas tias me falaram diversas recomendações acerca dos cuidados que era necessário ter com a menstruação, pois o corpo da menina estava aberto. Tinha também recomendações sobre alimentação, sobre deixar sangue exposto ou fazer certas coisas, como pegar peso. Notei, na época, uma certa preocupação acerca de passar tais ensinamentos que, a meu ver, não eram preocupações a respeito de procriar ou não. Teria sido a necessidade da transmissão e de se assegurar que tais saberes iam ser mesmo apreendidos?

assada e pilada com farinha, açúcar e sal), o peixe assado na folha da bananeira, os cozidos de andu (*Cajanus cajan* (L.) Mills.), a fava (*Phaseolus lunatus* L.), o feijão de corda (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.) e o mangalô (*Phaseolus lunatus*); o costume de comer caça (teiu, tatu, cobras, pássaros etc.), o costume de ir pescar no rio ou riacho (camarão e peixes, como a traíra e o piau), o costume de coletar frutas do mato (coco de pindoba, licuri, caju, araçá mirim, amescla); a tradição de plantar amendoim, mandioca, banana, batata e milho (plantas tradicionais da cultura ameríndia), o costume de guardar as sementes em garrafas *pets* com cinzas; as histórias oralizadas contadas (lobisomem, bicho-menino, cavala, caipora, visagens, etc.).

Todas as experiências citadas foram vivenciadas em períodos de férias escolares passadas no Povoado Terreirão, entre as décadas de 1990 a 2000, sempre nos meses de junho, dezembro, janeiro até início de fevereiro.

**Figura 1.** Fufuca (A), Pesca (B), Peixe assado (C), Pindoba (D), Coco de Pindoba (E), Amescla (F), Amendoim (G) e Milho (H)



Fonte: Arquivo pessoal (2020-2022).

Outras tradições, contribuições dos povos Bantus (embora eu não soubesse nomeá-las em 1994, no auge de meus dez anos de idade), foram notadas. Refiro-me aos cânticos nas rezas e na labuta diária na *jerema*<sup>viii</sup> (roça), nas idas e vindas para a fonte de onde se buscava água e lavava roupas, nos afazeres de casa; nas brincadeiras de roda (as brincadeiras sempre iniciavam e terminavam em roda), de tirar verso (tínhamos caderninhos, mas, muitas vezes, o verso emergia do improvisado); da esteira lançada ao centro do terreiro para a contação de histórias oralizadas em noites de lua cheia (histórias do bicho-menino, mulher da trouxa) e dos sons de atabaques e pandeiros nas rezas (primeiro eram as rezas, depois era o samba que “comia no centro”).

Cunha Jr. (2010) explica que os povos Bantus vêm do mesmo tronco linguístico e estão espalhados por uma grande região africana: “Podemos designar como região de línguas Bantu uma imensa região correspondente a quase metade do território africano, indo de Camarões no Atlântico ao Quênia no Índico, incluindo todos os países até a África do Sul.” (CUNHA JR., 2010, p. 30).

A ida para fonte após o baba (jogo de futebol), a celebração da morte (o ritual de “beber o morto”<sup>viii</sup>, literalmente, na casa onde acontecia o velório, os rituais para respeitar quem já se foi (o falecido) – se filho, esposa, mãe, pai, avós ou parentes próximos, todos tinham que usar a cor de roupa apropriada para o luto de um ano e, dentro deste um ano, era necessário respeitar os números sete, quatorze e vinte um, bem como as cores vermelho, preto, branco - cores claras e cores escuras. Essas formas de ritualizar a pessoa falecida lembram algumas celebrações de funerais em culturas africanas (Angola e Moçambique, por exemplo).

Já a tradição indígena pode ainda ser percebida em elementos culturais que são vivenciados no cotidiano. Elas se manifestam em hábitos alimentares, como a prática de moquear as carnes ou de assar peixe e outras coisas na folha da bananeira e, também, a na arte de caçar animais na mata e de saber a forma adequada de tratar cada animal para comer (teiu<sup>x</sup>, tatu). Não posso deixar de destacar o conhecimento que as pessoas possuem sobre reconhecer e coletar frutas silvestres, a exemplo da amescla (árvore que produz uma resina muito cheirosa e uns frutinhas vermelhos). A resina é usada para defumar a casa e espantar maus espíritos e a fruta é comestível.

viii - Jerema é uma palavra usada por uma tia para se referir a trabalho na roça

ix - “Beber o morto” significa velar a pessoa falecida. No ritual do velório, se faz assim: para homens, era sempre cachaça de folhas e, para as mulheres, eram chás, café, sucos e mingaus. A cerimônia do velório dentro de casa é um acontecimento que envolve de maneira afetiva todos que vão até o local reverenciar o falecido. No ritual são entoados ladainhas, rezas e causos até a hora de sair a procissão até o cemitério para o enterro.

x - Teiu é uma palavra da língua Tupy que significa lagarto.

Nas comemorações de final de ano, quando as famílias fazem a faxina, presenciei inúmeras vezes rituais de incensar a casa com amescla, alfazema, mirra e outras plantas. Folhas de pitanga e demais ervas eram espalhadas a fim de espantar os maus espíritos da casa e trazer boas energias para os moradores no ano que se anunciava.

Em 2021 tomei conhecimento da fruta abiu (*Pouteria caimito* – Figura 2), fruta doce, de polpa branca e que possui casca dura amarelada ou esverdeada; e do maracujá do mato (*Passiflora cincinnata* Mast – Figura 3) de sabor adocicado, muito diferente do maracujá que é vendido nos supermercados e nas feiras. Todas as frutas mencionadas foram encontradas dentro de fragmentos da Mata Atlântica, no entorno do Povoado Terreirão e no Povoado do Furado, território da cidade de Muniz Ferreira.

**Figura 2.** Abiu - Mata Atlântica/Recôncavo da Bahia



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

**Figura 3.** Maracujá do mato – Mata Atlântica/Recôncavo da Bahia



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

O compilado de imagens formando a Figura 2 é referente ao fruto abiu como o encontramos na natureza, a fruta *in natura*. Ali, pode-se ver a fruta partida com sua polpa branca de sabor adocicado e um pouco viscosa. A última imagem é a árvore do abiu.

A Figura 3 é o maracujá do mato – como é chamado e reconhecido na localidade do Povoado Terreirão – tem uma polpa branca de gosto adocicado e apresenta pouca acidez. A casca do fruto é dura e grossa. A folha também é diferente da folha do maracujá comum, pois não tem formato de trevo e o verde da folha é mais forte.

Outros saberes, como a extração do coco da pindoba, por exemplo, exigem conhecimentos valiosos para a efetivação da empreitada. O coco da pindoba é uma fruta que precisa ser queimada antes de partir, para facilitar a extração do alimento dentro da casca. O coco possui quatro lados (Ver Figura 1E). A pindoba, quer dizer, a palha da palmeira, é utilizada dentro da prensa no momento em que a massa da mandioca descansa, pois tem a capacidade de eliminar o ácido cianídrico antes de cozer a farinha de mandioca na casa de farinha.

A palha da pindoba era, igualmente, utilizada para cobrir casas de pau a pique em décadas anteriores. Presenciei minha mãe ensinando para meu filho e para meu sobrinho como dobrar a palha para que a água da chuva não entrasse e molhasse o interior da casa. Ela (mainha) fazia isso enquanto mostrava para as crianças como fazer uma casa com madeira, cipó e pindoba.

**Figura 4.** Mainha dobrando a folha da pindoba para cobrir a casinha das crianças



**Fonte:** Arquivo pessoal (2020).

Há ainda outras vivências da infância, como amassar o barro para fazer o adobe (um tipo de tijolo de barro cru) ou coletar, lavar e cozer o dendê para produzir o azeite de dendê (Figura 4). O adobe se fazia com mutirão de homens, mulheres e crianças para carregar água e pisar o barro até dar a liga: o ponto de modelar o adobe. O adobe é uma tecnologia africana. “[...] o adobe é um tijolo de terra crua, geralmente muito grande com relação aos tijolos de hoje, cuja técnica de produção implica ser seco inicialmente à sombra e depois ao sol. Este tijolo é muito utilizado na África do Rio Níger.” (CUNHA JR., 2010, p. 28-29). Vê-se, então, que inúmeras são as contribuições dos povos africanos para o Brasil!



Cresci comendo dendê cozido ou assado e, muitas vezes, minhas tias presenteavam-me com dendê. No período de férias escolares, vi e participei da colheita do dendê, da lavagem, do cozimento e da pilação do dendê para extrair o azeite. Em 2020, tive a oportunidade de produzir o dendê com minha mãe, meu filho, meu tio e minha tia. Na Figura 4, meu filho está aprendendo e experimentando a lavar o dendê.

**Figura 5.** Dendê assado e lavagem o dendê para cozer



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Outrossim, me chama a atenção o quanto meus parentes, moradores do Povoado Terreirão, reconhecem e sabem cada tipo de planta e sua utilização na produção de remédios caseiros. Na Figura 5, a neve cheirosa – nomeada na linguagem científica como *Mentha x villosa* Huds - I; o poeijo - *Mentha pulegium* L. – J; e a macela galega – *Achyrocline satureioides* - L e M. Na Figura 6, as plantas usadas (samambaia e dendê) para produção de utensílios domésticos (cestos).

**Figura 6:** Neve Cheirosa (I), Poeijo (J), Macela Galega (L e M)



Fonte: Arquivo pessoal (2021-2022).

A neve cheirosa e o poeijo (Figura 6 I e J) são plantas utilizadas para resfriados e gripes. Já a macela galega (Figura 6 L e M), em outro tempo (décadas de 1960, 1970), era planta endêmica no lugar e foi utilizada para encher travesseiros por ser macia e perfumada. A macela galega também era, e ainda é, utilizada em chá. Ela é uma planta medicinal que tem inúmeras propriedades farmacológicas. No entanto, na atualidade,

é uma planta rara na localidade do Povoado Terreirão; segundo as observações dos mais velhos da comunidade, isso aconteceu após a implantação de pasto para criação de gado.

Já os cestos de samambaia (Figura 7) é uma vivência bastante recente, a partir da observação do ancião (o mais velho do lugar: meu Tio Toim), que ainda confecciona cestos (de cipó) quando precisa de um novo utensílio para a casa de farinha. A partir dessa minha descoberta, mobilizei as primas e o primo – que conhecem a mata – para coletar a samambaia e aprender com nosso ancião a técnica de tecer a cesta.

**Figura 7.** Cestos de Samambaia e dendê



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Tio Toim é um homem de muitas profissões. Foi (e ainda é – quando precisa produzir algo para a casa dele ou quando quer presentear alguém) carpinteiro, serrador, agricultor, produtor de cestas (cipó de mato, samambaia, dendê, palha de bananeira), panacum (cipó), esteiras (pirá, palha de bananeira). Ele conta que aprendeu, quando criança, olhando as tias em Aratuípe<sup>xi</sup> a tecer para vender.

<sup>xi</sup> - Aratuípe, antiga Aldeia de Sant'Ana (Séc. XIX), localiza-se no Recôncavo da Bahia entre as cidades de Nazaré das Farinhas e Jaguaripe.

**Figura 8.** Mangalô



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Por fim, o mangalô, a fava, o andu e o feijão de corda que fazem parte da nossa alimentação. As sementes são compartilhadas de família para família a cada nova roça. Até a década de 1990, as sementes eram guardadas em garrafas *pets* e cobertas por cinza para conservação, mas, após esse período, passou-se a

adquirir as sementes de milho por meio da compra. Entretanto, as sementes de mangalô, de andu, de fava e de feijão de corda continuam a ser trocadas e guardadas para uma próxima plantação/roça.

## Considerações finais

O movimento *Sankofa* faz isso: devolve-nos a capacidade imaginativa, criativa e a compreensão sobre nossa própria história e os seus muitos sentidos e suas amplitudes. Nesta minha escrivência acadêmica, busquei compartilhar com o público leitor um pouco do conhecimento que carrego comigo – desde as minhas primeiras lembranças do contato com o Povoado Terreirão. Considero o Povoado Terreirão um território de saberes ancestrais em plena continuidade que são transmitidos através do encontro geracional.

A ancestralidade é a base filosófica de um modo de compreender a vida, uma cosmovisão indígena e africana percebida na dinâmica social do lugar. Logo, a prática de *sankofear* nos faz olhar para o nosso passado, coletando memórias individuais e coletivas que são externalizadas no compartilhamento de saberes, às vezes oralizados, outras vezes pela repetição ou na atualização das tradições nas *oralituras* cotidianas.

## Agradecimentos

Agradeço aos meus familiares (consanguíneos ou não – consideramos todos como família, mesmo aqueles sem laços consanguíneos) do Povoado Terreirão pelo acolhimento e pela partilha sobre as informações que compõem este trabalho.

## Referências

ARAÚJO, Ana Júlia de Brito; AZEVÊDO, L. C.; COSTA, F. F. P.; AZOUBEL, Patricia Moreira. **Caracterização físico-química da polpa de maracujá do mato**. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPATSA-2009-09/41167/1/OPB2428.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ASSUNÇÃO FILHO, José Ribamar de *et al.* **Divergência Genética em Feijão-Fava**. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/56443/1/3537.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BAHIA. Arquivo Público do Estado da Bahia. **Anais...** Salvador: Ordens Régias, 1994. v. 51. Disponível em: <http://www.atom.fpc.ba.gov.br/index.php/anais-do-arquivo-publico>. Acesso em: 30 set. 2022.

CORREIA, Célia Nunes. O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xacriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34103>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Ntu: introdução ao pensamento filosófico Bantu. **Educação em debate**. v. 1, n. 59, ano 32, 2010. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15998/1/2010\\_art\\_hcunhajunior.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15998/1/2010_art_hcunhajunior.pdf). Acesso em: 30 out. 2021.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010. Disponível em: [https://cpvceasm.files.wordpress.com/2019/05/cadernotecnologias-africanas\\_ceap\\_vf.pdf](https://cpvceasm.files.wordpress.com/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf). Acesso em: 30 set. 2022.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora CCTA, 2020. p. 219-229. (Coleção Pós Letras, v. 5). Disponível em: <https://www.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/mulheres-no-mundo-etnia-marginalidade-e-diaspora-2a-edicao/vol-05-mulheres-no-mundo-final.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249.locale=en>. Acesso em: 30 maio 2021.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JESUS, Zeneide Rios de. Povos indígenas e história do Brasil: invisibilidade, silenciamento, violência e preconceito. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA., 26, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300935234\\_ARQUIVO\\_Povosindigenaseahistoria\\_doBrasil.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300935234_ARQUIVO_Povosindigenaseahistoria_doBrasil.pdf). Acesso em: 20 jun. 2019.

OLIVEIRA, Werlaine Miranda. O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 291-295, set./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/118575>. Acesso: 22 jul. 2022.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

LORENZI, Harri *et al.* **Frutas brasileiras e exóticas cultivadas: de consumo in natura**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2006. ISBN 85-86714-23-2.

MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. **O eixo e a roda**, v. 15, p. 55-84, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.55-84>. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_e\\_a\\_roda/article/view/3262](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/3262). Acesso em: 26 mar. 2022.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 20 maio 2020.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Org.). **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos, african wisdom symbols; sagesse en symboles africains; sabiduría en símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NEVES, Adão Cabral das *et al.* **Cultivo do Feijão-caupi em Sistema Agrícola Familiar**. (Circular Técnica, n. 51). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/45769/1/CT51.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. **Wyrau'Haw: a festa da menina-moça do povo indígena Tenetehara/Guajajara**. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewFile/6591/5865>. Acesso em: 22 ago. 2022.

RAMOS, Gonçalo Moreira. **Recomendações práticas para o cultivo do guandu para produção de feno**. Teresina: EMBRAPA, 1994. (Circular Técnica, n. 13). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/35640/1/CIT13.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

REGO, André de Almeida. Trajetórias de vidas rotas: terra, trabalho e identidade indígena na província da Bahia (1822-1862). 2014. **Tese** (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de

Pós- Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23400>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ROCHA, Roberta Cristina Santos Leite. “Fala em maneira de cura, quem fala confirma o poder da palavra”: rezadeiras, religiosidade e práticas de cura em Muniz Ferreira - Bahia (1990-2020). **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Universidade do Estado, Santo Antônio de Jesus, 2022.

SANTOS, Eriza Galvão dos. O Diretor de índios: análise preliminar dos diretores parciais das aldeias indígenas. Bahia, 1845-1889. 1988. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2015.

SILVA, Glicéria Jesus da Silva. Arenga Tata Nhee Assojoba Tupinambá. 2021. **Tellus**, Campo Grande, v. 21, n. 46, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/816>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SILVA, Elizamar Gomes da Wakôdi. Seguindo a mandioca: saberes e práticas do Povo Tupinambá da Serra do Pandeiro. 2019. **Dissertação** (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41410>. Acesso em: 21 jul. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

### Informações do Artigo

Recebido em: 20/08/2022  
Revisado em: 30/10/2022  
Aceito em: 08/11/2022  
Publicado em: 20/11/2022

**Conflitos de Interesse:** O autor declara não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

### Como citar este artigo

Santos E. D. J. dos, (2022). Sankofear para continuar: memória ancestral negra e indígena presente no Povoado Terreirão, Muniz Ferreira - Ba. **Revista Macambira**, 6(1), e061013  
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.719>

### Licença:



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

### Article Information

Received on: 20/08/2022  
Revised on: 05/09/2022  
Accepted on: 08/10/2022  
Published: 20/11/2022

**Conflict of Interest:** No reported.

### How to cite this article

Santos E. D. J. dos, (2022). Sankofear to continue: black and indigenous ancestral memory present in Povoado Terreirão, Muniz Ferreira - Ba. **Revista Macambira**, 6(1), e061013.  
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.719>

### License:



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.